

Os bancos ingleses entram no "pacote"

27 NOV 1987
por Tom Camargo
de Londres

Os dois maiores bancos comerciais ingleses, o National Westminster e o Barclays, aderiram, "relutantemente", ao "pacote" de curto prazo de US\$ 4,5 bilhões que o Brasil está concluindo com cerca de noventa bancos credores.

Após toda uma semana de contínuos, mas informais, contatos entre o Banco da Inglaterra (banco central) e a direção das duas casas — que lideraram um bloco de recalcitrantes totalizando nove bancos com sede no Reino Unido —, conseguiu-se um compromisso pelo qual todos entrarão com sua participação (qualificando-se para o recebimento da taxa de adesão de 0,125%) formalizando sua resistência através de uma série de anexos à documentação que já havia sido preparada.

Esses anexos consistirão em declarações formais, por parte de todos os bancos britânicos (incluindo o Midland e o Lloyds, que aderiram ao "pacote" desde o começo), no sentido de que se fazem necessárias garantias formais de que o Brasil apresentará, em breve, aos seus credores

27 NOV 1987
um plano de estabilização chancelado pelo Fundo Monetário Internacional, única forma de conseguir o apoio dos bancos comerciais britânicos para qualquer "pacote" de reescalonamento de médio prazo.

O Natwest e o Barclays, que são representados no comitê assessor pelo Lloyds, querem também que Brasília deixe claro que pretende manter em dia o pagamento dos juros de 1988. "Parece que aquilo que está dito no texto que capeia a documentação desse 'pacote' de curto prazo não foi entendido pelos dois bancos", disse um funcionário de um grande banco francês, especializado em agricultura, que mantém um ativo escritório na City.

Para ele, a reação contrária ao "pacote" dos US\$ 4,5 bilhões ficou praticamente concentrada no eixo Natwest-Barclays, cujo valor dos empréstimos ao Brasil é relativamente pequeno (cada um tem cerca de US\$ 800/900 milhões, representando menos de 1% de seus ativos) e que se têm ressentido, de forma crescente, da predominância de soluções voltadas para os interesses dos bancos norte-americanos durante

27 NOV 1987
negociações nas várias frentes da dívida.

Desde o momento em que a refugada da dupla veio a público, na sexta-feira da semana passada, após uma reunião do comitê de dívidas de países mantida pelos bancos comerciais britânicos, ficou claro que tudo não passava de jogo de cena. Para o Banco da Inglaterra, cuja forma de operação é baseada na discricção e no acerto tête-à-tête, a rebeldia veio num momento especialmente delicado, quando o Grupo dos 7 (países industrializados) mais do que nunca preza a fachada do entendimento, de forma a manter sob controle os esgarçados mercados financeiros.

Uma série de reuniões dos bancos aderentes e não aderentes, e deles com o Banco da Inglaterra, resultou no que já era esperado, isto é, um recuo na recusa e a adesão com a fanfarra da relutância.

Parte do acordo obtido prevê que a documentação será acompanhada — mas isso ainda tem de passar pelo comitê de bancos, através do Lloyds — por "declarações de princípios" instando o Brasil a ser mais claro quanto aos juros de 1988 e suas intenções estabilizadoras.